

Petistas ainda sonham com Lula

São Paulo - O fundador e atual presidente de honra do PT, Luís Inácio Lula da Silva, de 50 anos, só não será candidato a presidente da República se não quiser. O consenso, dentro do partido, é de que ele ainda é o melhor nome para enfrentar o presidente Fernando Henrique Cardoso em 1998. Caberá a Lula avaliar se vale a pena correr o risco de um inevitável desgaste para sua imagem num quadro eleitoral até agora muito favorável ao governo.

A decisão deverá ser tomada no Encontro Nacional do PT, que será realizado no Rio, no próximo fim de semana, com a participação de cerca de 560 delegados. A sucessão presidencial será um dos principais itens da pauta da reunião, pois o partido terá de resolver logo se lançará uma candidatura própria ou se examinará nomes alternativos a serem apresentados por eventuais aliados de uma ampla frente de oposição.

Lula vinha resistindo à confirmação de seu nome, sempre com o argumento de que ainda é cedo para uma definição. Desconversou enquanto foi possível, mas tomou uma posição clara, na sexta-feira, ao desmentir uma declaração de Tarso Genro, ex-prefeito de Porto Alegre e seu principal adversário na hipótese de uma disputa interna pela candidatura. Ele negou que tivesse desistido de concorrer ou prometido lançar o nome de Tarso Genro, como o ex-prefeito afirmara à imprensa. "Se o

encontro nacional decidir que eu devo sair candidato, eu saio", anunciou Lula.

Ressalva - O presidente do partido, José Dirceu, que disputará a reeleição para o cargo com o deputado fluminense Milton Temer, defende o lançamento de Lula, com a ressalva de que os petistas não devem pensar em alianças políticas impondo nomes. O PT, observa ele, pode até sugerir uma chapa, mas precisa estar aberto à negociação em torno de outros nomes. Se a opção petista for Lula, acredita José Dirceu, as chances de um acordo serão maiores. Essa é atualmente a posição predominante entre os membros da Articulação - a tendência ideológica que reúne os petistas mais moderados em torno de Lula -, mas até poucos meses atrás não era assim.

Foi exatamente entre os companheiros mais próximos de Lula que surgiu, no fim do ano passado, uma crescente pressão para que ele não se candidatasse à Presidência da República pela terceira vez. O principal argumento, já então, era que o maior líder do partido não deveria se expor a nova derrota numa situação em que o presidente Fernando Henrique parece imbatível, ancorado pela estabilidade econômica do real. Outro obstáculo seria o estrago que suspeitas de desonestidade poderão provocar durante a campanha eleitoral.